

Prazer de fazer

Trabalhos recentes de Helena Lapas

Oito anos passados da última exposição individual em Portugal, Helena Lapas apresenta “Trabalhos Recentes”, um conjunto de dezasseis tapeçarias e onze colagens em papel onde se distancia de um processo transdisciplinar gerador de imagens em contínuo - a tapeçaria derivando da colagem - e afirma em pleno duas linguagens autónomas, dois territórios de experimentação, capazes de contaminação mútua numa sintonia do pensamento criativo e da metodologia do fazer.

Nos seus trabalhos, seriados em pequenas variações ou singularizados na sua concepção, o referente a partir do qual se desencadeia todo um processo transformador dilui-se, invalida-se na reorganização dos elementos onde tantas vezes, no caso da tapeçaria, é o próprio tecido, os seus padrões ou paletas cromáticas, a sugerirem o metamorfosear do desenho. “Esta é a única maneira que tenho de desenhar” refere em conversa a artista. Uma espécie de acontecer em contínuo, na sobreposição e alinhavo de materiais que conclui uma etapa na concepção. Depois virá o desenvolvimento dessa ideia primeva na minúcia dos pontos que cosem em definitivo toda a peça. Misturam-se com os padrões, tornam consistentes algumas secções, reforçam zonas de cor, zonas de sombra.

Nas tapeçarias mais recentes há tecidos tingidos a pulverizar a uniformidade do tecido base. Os aglomerados de pequenos pontos reforçam esse sentido. E é nesse cuidado ao pormenor, que densifica e reforça aspectos da imagem construída, que progressivamente se instala “o prazer de fazer” e se dissipa o desassossego doloroso inerente à génese de cada trabalho. “Na pintura, avança-se pincelada por pincelada. Aqui é pontinho por pontinho. Às vezes penso que sou como Seurat na tapeçaria”.

Na referência brincada ao processo de execução das composições impressionistas e pós-impressionistas, a menção à pintura evidencia-se como organizadora de discurso e pensamento, reflexo de um início de actividade em que o trabalho com tecidos se desenvolvia num contexto e com objectivos muito diferente do que a artista procurava. Era o período da revista “Modas & Bordados”, dos concursos promovidos pela Mocidade Portuguesa a formar as raparigas nos labores da casa. Ao frequentar a escola António Arroio, apercebe-se das possibilidades imensas do tecido como suporte criativo e de investigação, aspiração a que o ensino na Escola Superior de Belas Artes não dava ainda sequência. Ao ingressar no curso de pintura, foi por intermédio de Lagoa Henriques que conseguiu apresentar a sua tese, a primeira, em tapeçaria. “Desliguei-me da pintura convencional muito cedo. Penso em temas pictóricos com tecidos e cores”.

E é do tecido que nascem muitas composições: “Um tecido estampado, se o vimos com atenção, parece uma imagem ao microscópio. É um mundo que está neste pedaço de tecido. E juntando muitos mundos consigo tornar um trabalho meu”. Se a Natureza surge não raras vezes como génese metodológica – na densidade da terra, numa planta que se viu, na pedra e nas falésias que habitualmente se observam a caminho da Ericeira, na aparência estruturante de rizomas em progressão – a sua presença toma-se, na construção da imagem, apenas intuída, pressentida, organizadora de lugares de pensamento e do olhar receptor.

Nunca houve nas suas tapeçarias a tentação de romper a bidimensionalidade ou a muralidade da composição. As obras são intencionalmente peças de parede, como no final dos anos setenta e ao longo dos oitenta eram de experimentar, como colchas em patchwork ou almofadas realizadas em parceria com Fátima Vaz para a Altamira, uma das primeiras lojas de promoção de produtos de design nacional. Existe, tal como então, um trabalho constante de investigação. Sobre tecidos, modos de fazer, imagens geradoras de imagens. Fundamental nesse processo, além das pesquisas realizadas em 1977 com subsídio da Gulbenkian, foi a estadia em Cabo Verde para a realização de exposições e direcção de workshops sobre tapeçaria em 1995 e 1997.

A alteração das dimensões do suporte, agora reduzida, e a consequente diminuição do tempo de execução de cada peça, adensa essa noção de intimidade exploratória onde o processo e o conceito de reciclagem dos materiais é fundamental. “Há materiais fantásticos, anónimos, dos quais se

consegue tirar partido”, refere a artista apontando uma das suas últimas peças, elaborada a partir de um novo de “desperdícios” de uma garagem de automóveis. Numa teia de traçado irregular, descobre-se essa armação involuntária de linhas, cosidas ao fundo e incorporando os acasos.

A par das tapeçarias, apresentam-se na presente exposição desenhos de papel com colagem, elaborados pela textura do recorte, minuciosos no traçado e no processo de desdobramento da bidimensionalidade para a terceira dimensão que objectualiza os espaços construídos. Os materiais que lhes dão origem, reúnem-se no atelier da artista em caixas e pastas de cartão, dobrados, enrolados, escortanhados, inteiros, em envelopes, em pedaços, rasgados, amachucados. “Vêm de vários sítios”, da Bélgica, do Zimbabué, da Tailândia, da China, do Japão, de uma fábrica de reciclagem portuguesa, procurados ou trazidos por amigos em trânsito que, sabendo deste seu gosto e necessidade, lhe trazem não raras vezes, papéis especiais dos locais por onde passam. Mas também há papéis comuns, industrializados, comprados em grandes superfícies comerciais ou papeliarias, papel crepe, papel de embrulho, papel manufacturado, papel de lustro, papel de encadernar. Há-os transparentes, opacos, brilhantes, espessos, mate, com e sem sementes.

São quase sempre os materiais que sugerem a imagem. Não há esquisso prévio ou esboço outro que o do agenciador dos materiais e o construir, a partir desse encontro, um lugar de desenho. O que não significa que, tal como na tapeçaria, não haja um motivo, um pretexto que possa desencadear o processo (uma folha de árvore, um vulcão, um bambu, um acontecimento quotidiano e alguma imagem que lhe tenha ficado associada). Não há é qualquer procura precisa de mimetismo da representação com o real.

Raramente os papéis são lisos, de cor única. Quando o são, tecem emaranhados de linhas em suspensão que anulam qualquer uniformidade. Os desenhos nascem dessa intersecção profícua de tipos de papel, cromatismos e estampagens, de difentes texturas e capacidades expressivas dos materiais. E porque, como comenta, “os materiais também mandam nisto”, troca as voltas a regras, aproveita o avesso do direito porque “é mais interessante” o lado oculto de alguns papéis, constrói superfícies em três dimensões onde guarda o segredo do revelo em papeis enrolados.

Dou-me conta que involuntariamente escrevi que os papéis tecem, como se incorporasse a evidência desses processos criativos e a sintonia entre linguagens na escrita. Da mesma forma que tantas vezes, Helena Lapas mencionou que com as linhas de bordar pinta e que as suas tintas são os tecidos.

Refere que lhe interessa a estampagem nos papéis, o desenho, a expressão que trazem já em si. Não as figuras, em particular. Aliás, elimina-as sempre, distanciando-se de qualquer reconhecimento. Mas há papéis que deixa guardados, reservados apenas para o gosto de olhar. Alguns têm padrões intensos e esses não são usados nos trabalhos, “marcam muito e tiram-me as ideias”. Raramente intervêm pictóricamente sobre os materiais. Sobretudo recorta, amachaça, rasga, tira meticuloso proveito das suas características e incorpora a surpresa dos acasos no trabalho. Mas encontramos por vezes marcas de spray através das quais se desdobra a construção em papel mas desta vez como ausência, pelo seu negativo deixado como escantilhão, máscara ou sombra sobre o fundo. Ou a grafite através da qual a artista adensa a modulação e a textura dos papéis. Num dos desenhos, procurou mesmo fazer do suporte base de pintura e mimetizou o padrão recriado dos tecidos. “Lembranças do trabalho em tapeçaria” refere.

Guardados dentro de molduras-caixa, conservam o mesmo carácter, senão sagrado dos registos religiosos, pelo menos enigmático, de um hipotético e poético contentor laboratorial onde todas as experiências são possíveis.

Ana Ruivo

Outubro de 2010



HELENA LAPAS NASCEU EM LISBOA EM 1940.

Diplomada em Cerâmica pela Escola de Artes Decorativas António Arroio, Lisboa.

Licenciada em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde foi a primeira aluna a apresentar como tese uma tapeçaria. Bolseira do British Council em 1971 para o restauro de tapeçaria no Victoria and Albert Museum de Londres. Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian em 1976 a 1977 para a pesquisa de patchwork em Portugal e em 1998 para uma residência artística na Tyrone Guthrie Foundation, Irlanda. Desde 1996 é responsável pela disciplina de Execução de Figurinos - Oficina Têxtil no Chapitô, Escola de Artes e Ofícios de Espectáculo, Lisboa.

BORN LISBON, PORTUGAL IN 1940.

Awarded the diploma in Ceramics of the António Arroio School of Decorative Arts in Lisbon, followed by the degree in Fine Arts (Painting) from the Faculty of Fine Arts in Lisbon, where she was the first student to submit a fibre-art composition for the final assessment. Awarded a British Council scholarship in 1971 for tapestry restoration at the Victoria and Albert Museum in London. Calouste Gulbenkian Foundation grant holder in 1976 and 1977 for research into patchwork in Portugal and in 1998 as artist in residence at the Tyrone Guthrie Centre in Ireland. Has been in charge of the Costume department at Chapitô - Escola de Artes e Ofícios de Espectáculo since 1996.

Exposições Individuais

- 1968 Galeria Diário de Notícias, Lisboa
- 1971 Galeria Judite Dacruz, Lisboa
- 1986 Galerie am Chamissoplatz, Berlim
- 1993 Centro Cultural Português em Cabo Verde, Mindelo e Cidade da Praia
- 1994 The British Council, Lisboa
- 1995 Centro Cultural Português em Cabo Verde, Cidade da Praia
- 1996 Museu Nacional do Traje, Lisboa
- 1997 Centro Cultural Português em Cabo Verde, Cidade da Praia
- 1999 Galeria Reverso, Lisboa
- 2000 Galeria Municipal de Abrantes
- 2001 Galeria Municipal de Loures
- Centro Cultural Português na Bélgica, Bruxelas
- 2002 Galeria Trem, Faro
- 2003 Centro Cultural Português no Luxemburgo
- 2007 S. Antonio dei Portoghesi, Roma

Exposições Colectivas

- 1967 Il Salão Nacional de Arte, Lisboa
- 1969 Galeria Quadrante, Lisboa
- Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa
- 1970 Novos Sintomas na Pintura Portuguesa, Galeria Judite Dacruz, Lisboa
- 1971 Novos Autores, Galeria Judite Dacruz, Lisboa
- Salão da Cidade de Luanda, Angola
- 1972 Galeria Ogiva, Óbidos
- 1973 Tapeçarias realizadas pela Técnica Kröner, Galeria Judite Dacruz, Lisboa
- I Bienal de Artistas Novos, Vila Nova de Famalicão
- Salão da Cidade de Luanda, Angola
- 1975 Exposições colectivas em unidades fabris
- 1976 Exposições colectivas em Museus Regionais promovidas pela cooperativa de artistas de tapeçaria de que foi sócia fundadora.
- 1983 Tapeçarias de Artistas Contemporâneos, Museu Nacional do Traje, Lisboa
- Galeria Altamira, Lisboa (com Fátima Vaz)
- 1985 Dialogue UNESCO, “Feminie 85”, UNESCO Paris.
- 1988 Bienal de Tapeçaria de Matosinhos
- 1993 II Simpósio de Tapeçaria Contemporânea, Loures
- 1998 International Fibre Art Symposium, Tyrone Guthrie Foundation, Annaghmakerrig, Irlanda.
- III Simpósio de Tapeçaria Contemporânea, Loures
- Tapeçarias de Artistas Contemporâneos, Macau
- 1999 Tapeçarias de Artistas Contemporâneos, Casa da Cerca, Almada.
- 2000 “Visão do Paraíso” Centro Cultural de Ericeira
- I Encontro de Tapeçaria Portuguesa Contemporânea, Loures (Primeiro Prémio)
- 2002 “Cem Anos, Cem Artistas”. Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa
- 2007 12ª Trienal Internacional de Tapeçaria, Lodz, Polónia, em representação de Portugal.
- “50 Anos de Arte Portuguesa”. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 2009 “Anos 70 - Atravessar Fronteiras”. Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

Executou tapeçarias para edifícios públicos, entre os quais o Banco Nacional Ultramarino de Castelo Branco; a Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; o Banco de Portugal, Lisboa; e a Câmara Municipal de Loures, e está representado em colecções públicas e particulares em Portuga e numerosos outros países incluindo Angola, Cabo Verde, Grã-Bretanha, Itália, França e Alemanha.

Helena Lapas has carried out several commissions for public buildings, including the Nacional Ultramarino Bank in Castelo Branco, Caixa Geral de Depósitos in Lisbon, the Bank of Portugal in Lisbon and Loures City Hall, and her works figure in a number of private and public collections in Angola, Cape Verde, Britain, Italy, France and Germany.

HELENA LAPAS



50 X 65 cm Tapeçaria bordada em lã sobre tecidos de algodão, com tingimento. 2010

TRABALHOS RECENTES TAPEÇARIA E COLAGEM

GALERIA RATTON LISBOA

4 NOVEMBRO - FIM DEZEMBRO 2010

Produção/Production: Ana Maria Viegas e Tiago Monte Pegado

Curadora/Curator: Ana Ruivo

Créditos fotográficos/Photo credits: Paulo Cintra e Laura Castro Caldas

Design: Amílcar Ribeiro

Galeria Ratton

Rua Academia das Ciências, 2 C - 1200-004 Lisboa

tel: 00351 21346 09 48

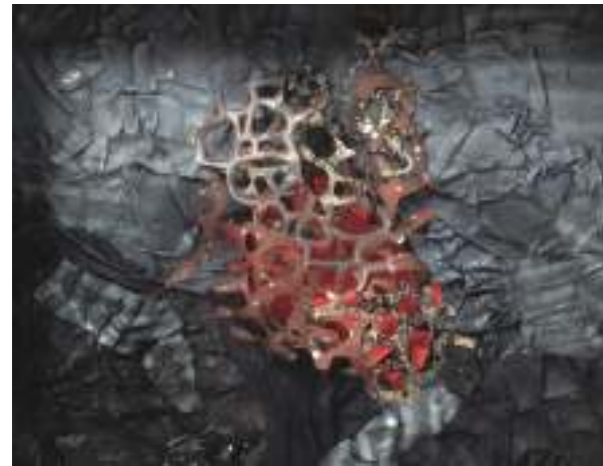
ratton@sapo.pt

www.galeriaratton.blogspot.com

Tiragem: 500 exs.

Agradecimentos/Acknowledgments: Ana Ruivo e David Evans





- | | |
|---|---|
| 1 | 3 |
| 2 | 4 |
- 1 - 35x42 cm caixa-colagem em papel com grafite 2008
 - 2 - 36x46 cm caixa-colagem em papel, com pintura spray 2009
 - 3 - 42x53 cm caixa-colagem em papel, com pintura spray 2010
 - 4 - 36x46 cm caixa-colagem em papel, com pintura spray e guache 2009



54 x 65 Tapeçaria bordada em lã sobre tecidos de algodão, com tingimento, 2009

The Pleasure of Making Recent Work by Helena Lapas

Eight years after her last one-woman show in Portugal, Helena Lapas brings us "Recent Work", a series of sixteen tapestries and eleven collages in paper, in which she moves away from a trans-disciplinary creative process generating continuous images - the tapestries originating from the collages - to fully assume two autonomous languages, two areas of experimentation which are capable of mutual interaction in creative thought and in the methodology of making.

In her works, whether unique conceptions or a series of variations upon a theme, the reference which unleashes the process of transformation is diluted or annulled during the reorganization of the different elements and not infrequently, in the case of the tapestries, it is the fabric, its patterns, or the range of colours which suggest the metamorphosis that the composition will undergo. "This the only way I have to draw", the artist reveals in conversation. It is a kind of ongoing happening where materials are juxtaposed and tacked down to complete one of the stages in the design. Afterwards the original idea is developed through a myriad of tiny stitches which sew the piece into its final form, interacting with patterns, emphasising certain areas and reinforcing the zones of shade and colour.

In the more recent tapestries dyeing is used to pulverise the uniformity of the background fabric. Clusters of tiny stitches reinforce this intent. It is through this passion for detail, in which certain features of the constructed image are accentuated and intensified, that "the pleasure of making" gradually takes over, dissipating the painful feeling of discomfort inherent to the genesis of each piece of work. "In painting, you move forward brushstroke by brushstroke. Here it's stitch by stitch. Sometimes I feel like a Seurat when I make tapestries".

This playful reference to the way impressionist and post-impressionist compositions were painted is evidence that painting is ever-present in the organization of her thinking and discourse, a reaction against the beginnings of her work with fabrics, at the time of the magazine "Modas e Bordados" and the competitions organised by the Mocidade Portuguesa to encourage girls to engage in domestic pursuits, a context far-removed from the one the artist aspired to. It was whilst attending the Antonio Arroio School that she began to realise the enormous possibilities of fibre art as a vehicle of creative expression, a course option which Lisbon's Fine Arts School did not then offer. Enrolled in Painting, it was due to the efforts of Lagoa Henriques that she was able to present a tapestry for the final assessment, the first ever. "I left conventional painting behind me very early on. In pictorial terms, I think in fabrics and colours."

It is out of the materials themselves that many of her compositions are born. "If you look at it carefully, a fragment of printed fabric looks like a picture seen through a microscope. There is a world in this piece of material. And by bringing many worlds together I manage to transform them into a work of my own." Although Nature often appears at the methodological genesis of her work - the density of the earth, a recollection of a plant, the quarries and cliff-faces she sees on the way to Ericeira, the structural appearance of burgeoning rhizomes - its role in the building of an image is merely intuitive, an organizing force behind imagination and the receptive eye.

The temptation to break with the two-dimensional or mural character of the composition has never existed in her tapestries. Even when, at the beginning of the seventies, her experiments with the role of the support were embodied in outlines which extended beyond the frame and to pieces executed in low relief, they were still intended as wall-hangings and remain so today. As were the patchwork quilts she made in partnership with Fatima Vaz for Altamira, one of the first stores to promote Portuguese design products. And, just as it was in those days, research continues to be a permanent feature of her work. Research into materials, ways of making, into images which generate other images. Fundamental in this process, in addition to the study she carried out in 1977 with the support of a Gulbenkian grant, was the time she spent in the Cape Verde Is. in 1995 and 1997, exhibiting her work and leading workshops in the recycling of the local printed cloth.

The change in the scale of the support, now smaller, with a resulting reduction in the time each piece takes to make, intensifies the sense of exploratory intimacy in which the process and concept of the

recycling of materials is fundamental. "There are fantastic, anonymous materials which are there to be taken advantage of", the artists remarks, pointing to one of her most recent works which exploits a handful of industrial waste which might otherwise have found its way into a car-mechanic's workshop. On a canvas with irregular markings, one discovers a haphazard mesh of threads, sewn to the background, incorporating accidental encounters.

Alongside the tapestries, the exhibition presents drawings on paper using collage, created by exploiting the texture of the cut-out materials, intricate in their sense of line and the process which projects their bi-dimensionality into the third dimension, endowing the spaces so constructed with object hood. Stored in cardboard boxes and dossiers or envelopes in the artist's studio, the materials to which they owe their origin are folded or rolled, kept whole or cut into pieces, torn, or crushed. "They come from several places", from Belgium, Zimbabwe, Thailand, China, Japan, a recycled paper factory in Portugal, frequently discovered and brought back from their travels by friends who are sensitive to her tastes and needs. But there is also ordinary paper, manufactured industrially, bought in supermarkets or from stationers, crepe paper, wrapping paper, shiny paper, bookbinders' paper, coarse and fine, transparent and opaque, matt and glossy, with seeds and without.

It is almost always the materials which suggest the image. No prior sketch or design exists apart from the act of choosing the materials and it is out of this encounter that the process which takes the place of drawing derives. Yet, as in her tapestries, this does not mean that no motive or pretext may initiate the process (a leaf, a volcano, a bamboo shoot, an everyday event or some image associated to it). But there is no specific quest to imitate the real.

The papers are rarely smooth, or of a single colour. When they are, the lines are interwoven in suspended meshes which defy uniformity. The designs are created by these multiple intersections of different types of paper, hues, patterns and textures and contrasts between the expressive qualities of the materials. And, because, as she says, "the materials also have a word to say in this", she switches the rules and uses the wrong side of the paper because the hidden side of certain papers is "more interesting", or builds up surfaces in relief where the secret lies in unseen twists of paper.

I realise that unwittingly I have written that "the papers weave", as if the evidence of these creative processes and the interaction between different languages were somehow embodied in my writing. In the same way that Helena Lapas so often says that she paints with embroiderers' threads and that her paints are fabrics.

She mentions that the printed patterns of the fabrics fascinate her, the design, the expressive quality that they themselves possess. Not the identifiable figures, though. In fact she always eliminates them, steering clear of any recognition. But there are papers she keeps, reserved just for the pleasure of her own eyes. Some of them have strong patterns and are never used in her work. "They are overpowering and stifle my ideas". She rarely alters her materials pictorially. Mostly she trims, crushes and tears them, meticulously exploiting their characteristics and incorporating the unexpected element of chance in her work. But on occasions the marks of spray paint can be seen, echoing the paper construction, but this time through its absence, through the negative which is left as a template, mask or shadow on the background. Or the graphite with which the artist accentuates the modulation and texture of the paper. In one of these drawings, she has used the support as a basis for a painting which recreates the pattern of fabrics. "A reminiscence of my tapestry work" she said.

Protected in their case-like frames, if they do not possess the sacredness of religious relics, they retain at least the enigmatic character of a conjectural and poetic exhibit from a laboratory where every experiment is feasible.

Ana Ruivo
October 2010